

CAMINHOS ABERTOS RUMO AO NOVO HUMANISMO¹.

Abelardo Lobato, OP – Sociedade Internacional Tomás de Aquino.

Resumo: Meu artigo apresenta uma nova aproximação do desenvolvimento do humanismo cristão no terceiro milênio de um ponto de vista teórico e prático. Assim como, em seu tempo, Tomás de Aquino definiu as cinco vias que o homem deve seguir para provar a existência de Deus, hoje, em nosso contexto cultural, cinco vias são sugeridas para ter acesso ao homem e ao humanismo do futuro. Essas cinco vias são separadas, mas convergentes. Elas receberam nomes que indicam o seu itinerário conceitual: a primeira considera o homem como um *ser integral*; a segunda o considera como um *ser pessoal*; a terceira o considera como um *ser relacional*; a quarta revela o homem como um *ser cultural* e a quinta o considera como um *ser teológico*. Estas cinco vias não são o *Holzwege* heideggeriano, mas os itinerários boaventurianos e, ainda melhor, os caminhos seguros para o ser humano em sua jornada rumo a Deus. Todos eles começam no projeto original de Deus que é homem, experimentaram o seu primeiro teste em Adão e alcançaram a sua completude no mistério de Jesus de Nazaré e são agora as principais linhas mestras para a realização do homem no terceiro milênio. A convergência das cinco vias com o ser, que é *imago Dei*, torna possível pelo nosso contexto antropológico responder à importante questão que todos os homens fazem a Deus: “Nosso Deus e Senhor, quem é o homem?” (Sl 8,1). O novo humanismo cristão pretende dar não apenas uma resposta conceitual ou verbal, mas existencial, quando for possível dizer verdadeiramente de cada ser humano: *Ecce homo* (Jo 19,5).

Palavras-chave: Novo Humanismo, Santo Tomás de Aquino, Cinco Vias.

Abstract: My paper presents a novel approach to the development of Christian humanism in the third millennium from a theoretical and practical point of view. Just as, in his time, Thomas Aquinas defined the five ways that man must follow to prove the existence of God, today, on our own cultural context, five paths are suggested to gain access to the man and the humanism of the future. These five paths are separate but converging. They have been given names that indicate their conceptual itinerary: the first leads to man, as an integral being; the second reaches the personal being and the fifth leads to man as a *theological being*. These five paths are not heideggerian *Holzwege*, but Bonaventurian itineraries and, even better, safe Thomistic paths for the human being in his journey towards God. All of them began in God’s original project that is man, in Adam they experienced

1 Artigo publicado originalmente em: Lobato, A. O.P. “Senderos abiertos hacia el nuevo humanismo”, in: *Atti del Congresso Internazionale su L’umanesimo cristiano nel III millennio: La prospettiva di Tommaso d’Aquino*. 21-25 Settembre 2003. Volume 1. Vatican City: 2004, pp. 189-216. Agradecemos ao estimado amigo Frei Abelardo Lobato O.P. por sempre colaborar com a Aquinate.net. Tradução do espanhol por Roberto Cajaraville e revisão de Paulo Faitanin.

their first test, in the mystery of Jesus of Nazareth they reached their complete fulfilment and are now the main guidelines for the realization of man in the third millennium. The convergence of the five paths in the being who is *imago Dei* makes it possible, from our anthropological text, to reply to the important question that all men ask before God: “*Our Lord and God what is man?*” (S 8,1). The new Christian humanism intends to give not only a conceptual or verbal answer but an existential one, from the moment when it is possible to say truthfully of each human being: *Ecce homo* (Jn 19,5).

Keywords: New Humanism; Saint Thomas Aquinas; Five Paths

1. O PROJETO HOMEM.

O tema do homem goza da máxima atualidade, resulta inevitável, retorna com vigor inusitado neste limiar do terceiro milênio cristão. Como se fosse um problema mal abordado e, por isso, não resolvido que agora se propõe como novo. Trata-se do novo humanismo. Nenhum dos problemas de fundo da cultura atual suscita tanto interesse, remove tão afundo as águas da cultura. Em setembro passado, por ocasião do jubileu das universidades, se difundia a notícia da celebração, quase simultânea, de uns 60 congressos, todos eles de algum modo em torno do tema do humanismo cristão. A maioria encontrava seu lugar natural em Roma. João Paulo II, promotor desta reflexão, na seção conjunta das diversas Universidades, na sala luminosa de Paulo VI, rodeado de não menos de 300 reitores e com a presença de uns dez mil professores vindos de todos os ângulos culturais do planeta, interrogava com sagacidade “que tipo de homem propõe hoje a universidade?”. E pela enésima vez voltava a convidar todos a colaboração para conseguir “um novo humanismo, que seja autêntico e integral”.

A ocasião se apresenta propícia com uma chegada do terceiro milênio, por quanto este evento convida a uma visão do caminho percorrido pelo homem ao longo da era cristã. É necessário que o homem avive o juízo e desperte com a memória do que já se conseguiu com o tempo passado, através de dois milênios de caminho percorrido, sob o impulso do evento da atuação do homem novo qual propõe o Evangelho. Tem que abrir os olhos e ser capaz de perceber o muito que lhe resta de caminho e de recobrar a coragem necessária para continuar o empenho até satisfazer plenamente o vazio que se encontra dentro de si. Tal parece ser o que fazer típico dos pensadores cristãos. Esta é uma grande tarefa, que não se pode levar a cabo em um só dia, nem se pode confiar a um só homem, nem sequer a uma só geração, mas pode ser o programa de trabalho para realizá-lo entre todos ao longo de todo este milênio. Vale aqui também o velho ditado latino: “*Ars longa, vita brevis*”.

Este convite à conquista do novo humanismo é árduo e comprometido nestes tempos calamitosos. Salta à vista que não poucos de nossos contemporâneos concedem amostras de cansaço, não se sentem com forças para novas conquistas e se rendem no caminho, como Elias, todavia, distantes do cume do Horeb, desfalecido à sombra do sicômoro (1Rs 19,1-9). Estimam que esse novo humanismo, autêntico e integral não só está afastado da nossa situação, senão que se apresenta envolto no traje da utopia. Frente ao desalento de alguns caminhantes é necessário tirar forças da fraqueza, recobrar a coragem não só no futuro, senão pela verdade, que é a alavanca mais poderosa do homem. Todos nós abrigamos a convicção da necessidade de recuperar a humanidade perdida, ou a porção que ainda nos falta. Nada é frívolo ou insignificante quando se trata do ser humano, todo é de grande valor. Entre as muitas coisas que o homem pode e deve realizar, nenhuma admite comparação nem é tão importante como levar a plenitude da própria humanidade. Todo o que tenha os ouvidos atentos à voz que ressoa em seu interior, ao princípio deste milênio, pode ouvir de novo a potente palavra do criador do homem, convidando-o a esta tarefa primordial: *Façamos ao homem* (Gn 1, 26-28)

Com a convicção da prioridade desta tarefa humanizadora é preciso gritar ao ouvido de cada um dos que cruzam conosco, neste limiar do milênio, a sentença de Píndaro: *Chega a ser o que és!* E dizer-lhe com a firmeza de São Leão Magno: *Reconhece, pobre homem, tua grande dignidade!* A conquista do novo humanismo é a resposta adequada ao imperativo da colaboração com Deus para a formação e reforma do homem em curso. Tendo bem presente que se trata de uma tarefa que é preciso fazê-la conjuntamente, de todo um programa de trabalho cujo o desenvolvimento requer todo o milênio, devemos imitar, a nosso modo, o profeta Ezequiel quando recebia a ordem para infundir o espírito nos ossos secos que se amontoavam desordenadamente no vale (Ez c.37). Esta reflexão não pretende abarcar o argumento em toda a sua amplitude e profundidade. É no melhor dos casos só um convite à tarefa humanizadora. Por isso se situa nos “arredores” do homem, como faziam os judeus acampando em torno de Jericó e dando voltas ao redor de suas muralhas. Limita-se à busca dos possíveis acessos ao homem. Em oposição aos “caminhos que não levam a nenhuma parte”, os “*Holzwege*” heideggeriana memória, se propõe a busca dos caminhos abertos, que nos levam ao encontro com o homem autêntico e integral. Para chegar a esse novo humanismo nos podem servir os caminhos reais, as auto-estradas, mas também são úteis os atalhos, os pequenos caminhos, nem sempre luminosos. A pequena Tereza do Menino Jesus e do santo rosto, descobria com surpresa a *pequena via*, pela qual caminhava segura até a alta montanha da santidade.

Vamos até o homem, e todos podemos dizer com verdade que o homem, ainda o homem que habita no próprio interior, pode chamar-se, como dizia Alexis Carrel, “*este desconhecido*”.

Porque, na verdade, todos nós temos fome e sede de conhecê-lo, e afirmamos como Agostinho, *noverim me!* Não cabe dúvida que no passado se deram grandes passos, alguns acertados e outros *extra viam*. Isto acontece sempre que se busca a essência do homem, onde não pode ser encontrada. Existem pensadores que encontram a via que leva ao profundo do homem, porém, como observa Kierkegaard, a percorrem em sentido contrário e por isso a cada novo passo estão mais distante da meta. Os caminhos que levam os peregrinos a Roma, são os mesmos que servem para ir ao desterro romano, como aconteceu com Ovídio. Já insinuamos antes que em nosso tempo Heidegger escreveu as vias do pensamento como caminhos que não levam a nenhuma parte, passos no bosque. A natureza não faz as coisas em vão. É ela a que semeou no homem o desejo da verdade e do autoconhecimento. Por isso é necessário descobrir novas vias que nos levem ao homem, que nos façam disponíveis a conquista da verdade toda inteira [integral] acerca do homem, e por ela estamos no caminho até o novo humanismo, o autêntico e integral.

Enquanto nos colocamos a caminho até o novo humanismo, como termo *ad quem*, sentimos a urgência de sair deste beco sem saída onde nos levaram as antropologias e os humanismos ao uso, que conduzem até a lagoa do nada, e dão por certa a morte do homem, de quem dizem que é uma recente invenção. O problema é como conseguir como sair deste termo *a quo*. Quando se adquire a certeza de que essas vias são como a que descreve Parmênides, que leva ao *não-ser*, é necessário deixá-las, e colocar-se a caminho buscando novos caminhos que conduzam à verdade integral do homem e façam possível o novo humanismo.

Tratando de imitar, ainda que seja de longe, o que São Tomás fez de modo magistral, ao propor as *cinco vias* que conduzem a Deus (*S. Th*, I, 2, 3) eu decidi propor *cinco caminhos*, que quando se percorrem por seus passos nos guiam até a verdade do homem, que resulta análoga a do ente, que Aristóteles qualificava como verdade sempre buscada e sempre problemática. Também, nestes caminhos, como naquelas vias, se dá um ponto de partida, um processo e um término. Parte-se do homem, em sua realidade concreta, tal qual se descobre em suas dimensões constitutivas, e chega ao mesmo homem, em sua realidade autêntica e integral. Nosso conhecimento através das vias de análise e da síntese, parte do ente que se nos oferece como objeto ainda confuso, e ao final de um longo itinerário do singular sensível, volta a chegar ao mesmo ente em sua realidade existencial, acerca da qual pode fazer um juízo que expressa a

verdade. Conhecer o homem é ao mesmo tempo a coisa mais fácil e mais difícil, como advertia Aristóteles acerca do conhecimento da alma². O homem se descobre como realidade aberta ao infinito, *dépasse infiniment l'homme*, na frase de Pascal, e seu grande horizonte, reconhecido como fundamental já por Sócrates, é o conhecimento de si mesmo. O caminho que percorre forma já parte da realidade buscada.

O caminho até o homem, em definitivo, é o homem mesmo, um caminho que tende a fundir-se com o mesmo exercício de caminhar. Por natureza, o ser humano é sempre um *homo viator*, um ser que se encontra com sua natureza admirável, e que se descobre com uma vocação indeclinável para levá-la a sua plenitude ao longo de todo o arco de sua existência. Coincidem a estrutura e o dinamismo; o homem é e se faz em um processo que tem sua raiz no ato radical do ser, e sua expansão nos atos ordenados ao crescimento incessante do homem enquanto dura seu caminho. O poeta espanhol Antônio Machado o expõe com em refinada forma poética: *Caminhante, não há caminho, se faz contínuo ao andar*. Ao final do percurso dos diversos caminhos, quando se deram os passos acertados, topamos com o rosto revelado do homem, com a verdade integral sobre nós mesmos. O homem se apresenta ao mesmo tempo como problema e como mistério. O problema tende a estender-se sempre mais em todas as direções, porque ele é em verdade um microcosmos, que, como diz São Tomás, fecha em seu feixe bem apertado, *collective et intensive*, todos os níveis do cosmos e os transcende (*STb.*, 91, 1) e não obstante a esta grande dignidade, ao mesmo tempo habita em seu interior a miséria e pode dar acolhida ao mal que lhe empurra até o nada. Neste contraste de esplendor e de miséria, de aspirações e de fracassos, o problema se amplia no mistério. E este mistério não encontra solução senão no mistério de Deus feito homem, enquanto *Imago Dei*, cuja conformidade se encontram chamados todos os seres humanos, pois para isso foram chamados a existência³. Os caminhos nos conduzem ante aquele que foi apresentado ao mundo como o ser humano por excelência: *Ecce homo* (*Jn* 19,5). Isto se diz também do primeiro homem, criado por Deus em justiça e santidade, e o disse Pilatos de Jesus Cristo, segundo Adão, homem em plenitude, perfeita *Imago Dei*. E esta verdade se deve dizer de quantos participam da mesma natureza e graça, dos homens que se conformaram com ele. Esta conformidade é a meta do novo humanismo.

2 ARISTÓTELES. *De Anima*, I, 1 420 a 10. SANTO TOMÁS DE AQUINO. *QD De Veritate*, 10, 8 ad 8.

3 CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes*, n. 22. Cf. CHARLES, R. M. "O hombre y el misterio de Cristo". In Lobato, A. *Actas del IV Congreso Internacional de la SITA*. Vol. 1. Córdoba: CajaSur, pp. 28-37.

O terceiro milênio se abre ante nós como horizonte da temporalidade, na qual a liberdade humana descobre e percorre os caminhos que levam até o homem. Na realidade o pensamento moderno, propenso desde o princípio a abandonar a reflexão acerca do ser e prestar mais atenção ao conhecer, tende cada vez mais até a imanência. É possível fazer uma “leitura” da filosofia moderna, como se tratasse do esforço gigantesco para a compreensão do homem. Eu mesmo tentei levar a cabo esta “leitura”, percorrendo o panorama antropológico da modernidade, na busca das vias de acesso ao homem⁴.

Aristóteles propunha como objeto da filosofia primeira a investigação sobre o ente, a realidade mais escondida e ao mesmo tempo a mais presente, sempre buscada e sempre fugitiva. Em compensação, Tomás de Aquino já desde menino pedia aos monges de Montecassino, uma resposta sobre Deus, *Dic mihi, quid est Deus?* A pergunta acerca de Deus vai mais além da pergunta pelo ser. Em contraste com esta aspiração à transcendência, a partir de Kant, o homem da modernidade planeja a pergunta pelo homem, *Was ist der Mensch?* O ente, Deus, o homem constituem os grandes horizontes do conhecimento humano. O desafio da hora atual é a resposta a não uma só, senão a estas três questões decisivas. Parmênides observa que o encontro com o ente é impossível quando, mais além da fronteira que separa a experiência e a transcendência, o pensador opta pela via que conduz ao não-ser, a via do $\mu\eta\ \omega\nu$ em vez da via que lhe leva ao férreo coração da verdade. Santo Anselmo responde ao “insipiente” Guanilón que acolhe com gozo em seu coração a aceitação de Deus, que na verdade Deus está sempre muito por cima de quanto podemos pensar: *quo maius cogitari non potest*, e por sua parte Bacon de Verulam concede que “*il pensiero debolè*” pode levar alguns ao ateísmo, mas o homem inteligente e filósofo da verdade, quanto mais penetra nas coisas, logra sempre desvendar a relação positiva do homem com Deus: *pleniores haustus in philosophia ad Deum semper deducere*. O homem da pós-modernidade, com pouca capacidade para a ascensão metafísica, perdeu a asa para voar à transcendência, caiu no esquecimento do ser e de Deus, e se esforça por permanecer na total solidão da noite e do nada.

Heidegger adverte que o homem é muito pouca coisa para tratar de levar sobre seus débeis ombros o peso ingente do ser, e opina quanto ao esquecimento do ser *Seinsvergessenheit*, está na origem do incessante errar do pensar moderno, que se esforça para encontrar refúgio em um humanismo impossível. Por isso sua filosofia trata de superar os 25 séculos de esquecimento do ser. Porém, ainda neste caso desse ansioso retorno do ser;

4 Cf. LOBATO, A. “Antropología y metantropología. Los caminos de acceso al hombre”. *Aquinas*, 30 (1987), pp. 5-41.

poderá o homem encontrar sua verdade autêntica e integral sem o retorno de Deus? Enquanto não se chega ao absoluto não há fundamento válido. “*Se Deus não existe*– afirma um personagem de Dostoiévski– *que pode valer minha estrela capitão?*”

A pergunta pelo homem admite uma resposta, mas não deixando de lado o ser, e muito menos a Deus, e o encontro a sua medida no Deus em que se revela em Jesus Cristo. A partir do evento da encarnação se faz possível para o homem a conjunção da perenidade e da novidade. O novo humanismo aspira realizar a síntese entre o homem, o ser e Deus, entre antropologia, ontologia e teologia. O projeto homem é o grande desafio o qual se apresenta neste limiar do terceiro milênio. Nossa tarefa e dever nesta hora são a resposta adequada a este grande desafio, conscientes do impasse das antropologias da pós-modernidade e das possibilidades que oferecem para a resposta bem exata dos novos caminhos que conduzem à verdade integral acerca do homem⁵.

2. A SITUAÇÃO PROPÍCIA.

É corrente afirmar que o homem tem uma quarta dimensão, a espaço-temporal, mais profunda que nenhuma das outras. Todos nos encontramos situados em um lugar, que nos envolve como e fosse uma segunda pele. Simultaneamente[ao mesmo tempo], o tempo nos mensura em cada um dos instantes de nossa duração na existência. Além do mais, nossa condição de seres culturais nos possibilita outra localização e outra temporalidade. Todos nós temos nossa *Sitz im Leben* e uma peculiaridade de viver a historicidade que nos compete. Singular a condição do ser humano, na qual se identificam os contrários: a matéria e o espírito, o corpo e a alma. O homem não pode existir senão em lugar bem determinado, entretanto ao mesmo tempo não pode ser prisioneiro de nenhum lugar cósmico. Max Scheler indagava com paixão o posto do homem no cosmos, sem ter em conta o que já Aristóteles havia descoberto muito antes; que todas as coisas têm um lugar no mundo, mas o mundo não tem, nem pode ter, um lugar próprio, porque não há um continente que o envolva⁶.

O ser humano é um autêntico mundo. E de um modo semelhante o ser humano, medido pelo tempo, se converte em seu dono ao inverter o processo temporal cósmico, e fazer do futuro seu princípio, como ao

5 Cf. Lobato, A. “Jesuscristo e o projeto homem”. *Actas do IV Congreso Internacional da SITA*. Vol.1. Córdoba: CajaSur, 1999, pp. 297-311.

6 Cf. ARISTÓTELES. *IV Phys*, 5, 14 e SANTO TOMÁS DE AQUINO. *In IV Phys*, *lectio* 7, n. 485

concentrar em um instante todo o processo de tempo, como saltar desde o instante à eternidade. O tempo humano é um índice da nobreza espiritual do homem. Esta condição físico-temporal de todo ser humano e de toda nova geração está na base do que chamamos de situação. Sentimos-nos impulsionado na busca de um novo humanismo, exatamente porque os humanismos atuais não só envelheceram, senão que em vez de ser berço do homem converteram-se em sepulcros. O ar desta situação se tornou irrespirável. A pós-modernidade se rebela contra o homem que a inventou. Em verdade o homem atual, quando adquire consciência da situação, se sente ameaçado de extinção e de morte. Nesta conjuntura, como capitão de um navio que está à deriva em alto mar. lança aos quatro ventos o grito de socorro, o S.O.S. Os humanismos nascidos no século XX resultam inadequados. Em verdade, não são muitos. Se os analisamos desde os elementos essenciais que os configuram, se podem reduzir a dois tipos: o humanismo da identidade e o da pura alteridade. Ou bem o homem é como um produto da fábrica, um indivíduo que não difere do outro, mas pela quantidade de matéria, um exemplar “clonado”, ou nada tem a ver com os demais, é pura alteridade.

O humanismo da identidade é o proposto pelas ideologias, tão usadas a partir de Hegel e tão nefastas ao longo do século XX. A realidade foi reduzida a um só elemento, no melhor dos casos ao *Geist*. O pensamento absorve toda a realidade a qual por um lado se apresenta como divina, mas no fundo resulta ser só humana. Bloch denuncia com vigor a identificação hegeliana do ideal e o real, que tem como seqüela a redução de Deus ao homem. “O deus de Hegel é o *deus humanus, l’humanum*, o qual consegue ficar patente em toda a sua amplitude e toda a sua profundidade”.⁷ O espírito é a totalidade, mas essa totalidade é só projeção humana. A verdade está no todo. O Eu coincide com o devir do ser. O verdadeiro nesta totalidade, “é o triunfo báquico no qual não há membro que não esteja ébrio”. O sujeito humano resulta ser absoluto e por isso idêntico. Um indivíduo é igual a outro, mera repetição. Esta “leitura” hegeliana da realidade a repetiram não só os cientistas, mas também os políticos e os filósofos. Apareceram assim as “ideologias”, que se dividiram em dois grupos, o de direita e o de esquerda, umas mais propícias ao espírito outras mais imersas na matéria. Ambas proporcionaram o surgir da sociedade do idêntico. Desta filosofia da identidade nasceram as ditaduras e os regimes de igualdade materialista. O sujeito singular foi reduzido a número, um zero a esquerda, mero instrumento, puro objeto. O homem real desaparece para deixar lugar ao

7 BLOCH, E. *Soggetto, oggetto. Comento a Hegel*. Bolonha: *Il Mulino*, 1975, p. 337.

partido, à raça, à massa. Em definitivo o homem é um produto, um meio, mas nunca um ser pessoal, sujeito de direitos, uma pessoa única e irrepetível.

Esta leitura do homem foi dominante em boa parte do século XX. por sorte tais ideologias e sistemas totalitários foram se derrubando, como castelos de cartas, uns de fora pela violência das guerras, e outros por dentro por falta de fundamento sólido, sem poder superar o século em que tiveram o seu momento de esplendor. Não foram capazes de resistir frente à verdade tão cruel de seus crimes, tiveram que ceder à *glasnost*. O novo Saturno, como o antigo, devorou os filhos que engendrou. A queda das ideologias e a derrocada das ditaduras foram os eventos mais clamorosos, com conseqüências dramáticas, muito semelhantes às que fizeram mudar o rumo da história antiga com a queda do Império Romano. Todos nós somos testemunhas desta queda, plasmada na queda do muro de Berlim, a temos viva na memória, mas a contemporaneidade ainda não nos deixa espaço suficiente para desvelar no fato todo significado histórico que ele encerra. E o que é ainda mais significativo, também nos falta o gênio que interpreta com profundidade o evento, capaz de desvelar a trama e a falsidade desses sistemas, de modo similar para como fez Santo Agostinho em *De Civitate Dei*, frente à queda do Império Romano.

Todo humanismo de identidade, como fica bem patente nestes eventos, conduz à negação e à morte do homem real, do homem em sua singularidade, do que sofre, do que morre, do irmão, do que em seu rosto deformado pela violência, pela fome, manifesta, em contraste a dignidade inata de todo ser humano. As antropologias das identidades conduzem ao desaparecimento da espécie humana. É algo inaudito, mas verdadeiro e horrendo, saber que no século XX as vítimas indefesas desses regimes não se reduzem a alguns milhares, senão que vão além mais da dezena de milhões. Nunca na história o homem havia chegado a tal extremo da barbárie coletiva. Essas vítimas seguem gritando na presença de Deus. Em nome da dignidade do homem é necessário combatê-las de modo que não possam voltar a se repetir. O humanismo que dizem promover é o autêntico anti-humanismo.

Frente ao humanismo da identidade, que vinha arrastando-se com dificuldade no último quarto do século passado, se eleva o protesto e a situação se torna ao revés. Sobre a identidade absoluta sem fissuras, se passa à alteridade radical sem possível encontro. A pós-modernidade optou pela pura alteridade e a total diferença. o movimento pendular nos levou ao extremo oposto. Frente à pura identidade se proclama a pura alteridade. Chegou a hora do relativismo, por cima e mais além de todo o princípio. A razão fica excluída, a verdade resulta um sonho impossível. Frente ao homem monolítico, reduzido à massa ou ao partido em bloco, se eleva o singular, o

sujeito com suas liberdades e suas opiniões, se passa à pluralidade desatada. Passamos de um salto aos antípodas. Esta nova situação foi originada de modo decisivo pelo papel que se teve na pós-modernidade o chamado *pensiero debole*, que não tem outra coisa em comum senão a oposição e o protesto para qualquer tipo de pensamento e valor absoluto. Frente à razão absoluta se alude ao triunfo do instinto, da paixão, do absurdo. Não são possíveis os valores absolutos. Não existe para o homem verdades últimas, no melhor dos casos tem que contentar-se com as penúltimas. Ao se impor a pura alteridade se chega a hora tremenda do puro niilismo profetizado por Nietzsche, como “*humano, demasiado humano*”. A profecia resultou verdadeira, como confirmam os bem conhecidos fenômenos, o da morte de Deus, a perda da transcendência e por isso a morte do homem. Não nos curamos desta enfermidade mortal. O panorama da cultura do Ocidente nesta hora apresenta, todavia, um aspecto desolador, de ruptura com a tradição, de enorme desolação.

Estamos atravessando uma forte crise de valores culturais, crise de fundamentos, crise que pode ser designada como “epocal”. A oposição às ideologias é absoluta, mas o resultado é idêntico. Os extremos se tocam: a pessoa real existente, o homem autêntico e integral, no melhor dos casos é ignorado, ou é lançado ao poço de nada. Sartre é um dos grandes testemunhos desta proximidade do homem atual e o nada. Seu conceito de ser, na obra *L'être et le néant*, sua descrição do homem como *passion inutile*, sua pretensão de apresentar o existencialismo como autêntico humanismo, são provas irrefutáveis da queda no nada. A pretendida liberdade constitutiva do homem é pura fuga de si mesmo, mera invenção de um transcender sem transcendência.

A valorização desta situação foi levada a cabo de modos diversos. Bastaria evocar o já afastado juízo determinista de O. Spengler em sua obra *Untergang des Abendlandes*, o grito de protesto dos filósofos da escola de Frankfurt, que perguntam se, depois de *Auschwitz*, se podia seguir falando da existência do homem, as reiteradas denúncias dos filósofos Marcel e Heidegger, que advertem dos obstáculos e barricadas que os homens levantam contra o humano, ou denunciam os demônios que cavalgam às escondidas no mundo da técnica. Henri de Lubac descreve a tragédia do humanismo ateu. Bonhöeffler nos avisa que damos passos cada vez mais precipitados rumo ao niilismo. F. Fukuyama anuncia que vamos muito de pressa ao fim da história com essas palavras: “se chegamos agora a um ponto no qual já não podemos imaginar um mundo substancialmente diverso do nosso, no qual não é possível ver em que modo o futuro poderia aportar uma melhora essencial na

relação com a ordem atual, nesse caso há que se ter em conta que a mesma História chegou ao seu fim”.⁸ Se repete a tragédia do Titanic. Enquanto os viajantes se divertem alegremente, o navio se choca contra um iceberg à deriva e vai ao fundo do oceano com todos os seus passageiros. Estamos já habituados aos protestos dos ecologistas em defesa das espécies em perigo, enquanto ainda somos incapazes de compreender que é o homem, esta árvore com as raízes até o alto, o que na verdade se encontra em situação de perigo muito mais grave. As raízes já estão ao ar livre, por falta de terra apropriada onde nutrir-se.

A situação dramática é propícia a busca do remédio. O pensamento cristão não pode ficar indiferente ante tal situação. Precisamente porque o homem é capaz de transcender, as situações se impõem em resposta adequada à gravidade do problema. É o mesmo homem que está ameaçado: “*Res nostra agitur*”. O incêndio se declarou na própria casa, e é necessário apagá-lo se queremos sobreviver. Compete ao pensamento cristão encontrar o remédio. Ao longo do século XX se sucederam em perfeita continuidade as propostas dos humanismos cristãos. Grande ressonância teve o livro de J. Maritain, com a proposta de seu humanismo integral. Tratava-se de uma defesa do sujeito frente à opressão totalitária⁹. Por sua vez, Teilhard de Chardin tomava outro rumo, o da evolução, sempre a frente e ao alto, desde o *Phénomène humain* até o ponto ômega. O filósofo N. Abbagnano, tratando de traçar o perfil do homem do ano dois mil, encontrava com os caminhos do humanismo cristão, recorridos pelo pensador Karol Wojtyła¹⁰, e os julgava muito apropriados.

Com uma visão retrospectiva do pensamento cristão podemos tomar lição ao ver como reagiu no passado em situações de angústia semelhantes, buscando vias de solução. Ao pensamento grego acerca do homem, buscando vias de solução. Ao pensamento grego acerca do homem, descrito por Platão no mito de *Protágoras*, expresso por Aristóteles na síntese da obra que precede a todas as antropologias no tratado *Sobre a alma (De anima)*, com a compreensão do homem no horizonte do cosmos, sem uma clara transcendência, os pensadores cristãos e os Padres dos primeiros séculos respondem com a doutrina do *Hexameron*. O homem para eles é um ser criado por Deus e colocado no mundo para ser seu guardião e promotor, como *Imago Dei*. A primeira antropologia cristã é do século IV e se encontra na obra de Nemésio de Emessa. Seu tratado *De Homine*, longo tempo atribuído a Gregório de Nissa apresenta as linhas essenciais da antropologia cristã: o

8 FUKUYAMA, F. *La fine della storia e l'ultimo uomo*. Milão: Rizzoli, 1996, p. 72.

9 Cf. LOBATO, A. *Maritain y el humanismo integral*. Roma: Angelicum, 1987.

10 ABBAGNANO, N. *L'uomo proetto 2000*. Turim, 1970.

corpo fica integrado na realidade humana, e descrito com a precisão de um tratado de medicina; se põe em destaque a liberdade do sujeito pessoal, e se propõem a tese da alma humana espiritual criada por Deus e infundida no corpo. Quando os pensadores medievais, a partir de Siger de Brabant, seguindo uma leitura de Averróis, propõem a unidade de todos os sujeitos humanos em uma só alma falam do entendimento separado e único para todos os homens, Tomás de Aquino, que é o primeiro em advertir em Paris este movimento e que lhe dá o nome de “averroísta”, responde com uma antropologia integral, partindo do fato de experiência do sujeito que pensa: *Hic homo singularis intelligit*.¹¹

Quando os humanistas do Renascimento respondem com a retórica e a elegância literária à obra pessimista de Lotário dei Conti di Segni, *De miseria, conditiones humanae*, os pensadores espanhóis, dirigidos em Salamanca pelo mestre Vitória, pela primeira vez na história abordam a fundo o problema do ser humano e buscam uma resposta ontológica, válida para todos os homens, espanhóis e índios, varões e mulheres, brancos e negros. O descobrimento e a conquista da América é o evento de maior destaque na história humana, que pede resposta original e nova. Às opressões dos conquistadores que submetem os índios a duros trabalhos, os apóstolos dominicanos de *La Hispaniola*, por boca de Montesinos, opõem a voz da consciência cristã: *Acaso estes não são homens?* As disputas na corte de Valladolid conseguiram criar uma nova consciência. Nem os índios são *homunculi*, como pretendiam os opressores, nem os “negros” ou as mulheres são seres de uma espécie inferior. O dominicano frei Bartolomé de las Casas se erige em protetor dos índios. Sua defesa de pessoas e culturas é exemplar, o estilo de evangelizar que propõe é plenamente evangélico e antecipa a hora atual propõe o homem como caminho primeiro e principal que percorre a igreja. Não é lícito submeter aos índios, explorá-los, ou considerá-los como seres de natureza inferior¹².

Por outro lado, as situações históricas do anti-humanismo se repetem com demasiada frequência. Em nosso tempo, marcado pela dimensão antropológica, o Concílio Vaticano II se ocupou de todo o humano e considerou o homem como sujeito central na ação pastoral da Igreja. O primeiro capítulo da constituição *Gaudium et spes* propõe a solução do problema do homem à luz do mistério de Cristo. No encerramento do

11 Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO. *De unitate intellectus contra averroistas*. Città Nuova, 1989.

12 Cf. LOBATO, A. “El novus Orbis y el hombre nuevo. El triple legado antropológico del tomismo del s. XVI”. In AA.VV. *Dignidad personal e comunidad humana SITA*. Vol. I. Barcelona: Balmes, 1994, pp .47-72.

Concílio, o Papa Paulo VI, a 7 de setembro de 1965, punha em destaque a especial atenção que os padres conciliares haviam posto no problema do homem e pedia aos humanistas o reconhecimento sincero desta solicitação maternal do pensar cristão sobre o homem.¹³ Durante o seu pontificado propunha a criação de uma nova cultura, que designava como “*civiltà dell’ amore*”, quer dizer uma cultura à medida do homem, que por sua vez deu origem à forja de homens à medida de Cristo. Nesta mesma linha, com acento ainda mais marcado e definido, desde o princípio de seu pontificado, o magistério de João Paulo II é uma constante lição de humanismo cristão. Desde a primeira encíclica *Redemptor hominis* até a última, *Fides et Ratio*, se adverte uma constante preocupação pelo problema do homem, como via primeira e principal que percorre a Igreja¹⁴.

Nesta conjuntura da cultura antropológica da pós-modernidade ante o problema do homem, a resposta cristã é a do bom samaritano (Lc 10,30) que encontra o homem a beira do caminho, despojado, ferido e se aproxima dele para curá-lo. As feridas da alma são maiores ainda das que a do corpo, mas também o remédio dos males, já percebido pela escola de Salerno, tem sua medicina principal na alma. O pensador cristão tem em sua tradição, como herança, uma antropologia integral implícita que não pode renunciar: a concepção do homem como *Imago Dei*, a dignidade inerente a toda pessoa humana, a condição de sujeito único e irrepitível, sua situação no centro do cosmo e da história, a verdade de sua origem por criação como fruto do amor de Deus, o destino humano na comunhão com Deus mesmo, a revelação do ministério de Deus feito homem, o mandato de anunciar o evangelho da liberdade e da libertação a todo homem, e a garantia da verdade integral acerca do homem. Esta preciosa herança deve ser o núcleo do novo humanismo: novo porque tem a categoria de perene, e o humanismo por ser a medida do homem. A situação dramática na qual se encontra esta herança tem que servir uma vez mais, como no passado, do ponto de partida para a resposta que liberta o homem da ameaça de niilismo e para a conquista da verdade integral acerca do homem. Com efeito, se trata de refazer o homem, *rifare l’uomo*, como propõe Mondin, de conseguir o crescimento na humanidade de todo homem, de fazer possível que no terceiro milênio o tipo de homem sobre o qual está concebido o projeto de Deus¹⁵. Trata-se de uma tarefa cultural que resulta um imperativo para todos. O terceiro milênio tem que ser espaço aberto que

13 PAULO IV. *Il valore religioso del Concilio. Osservatore Romano*, 7 dezembro de 1965, nn.8-10.

14 Cf. LOBATO, A. (dir.). *L’uomo via della Chiesa. Studi in onore di Giovanni Paolo II*. Roma: *Angelicum. Studia PUST*, n. 32, 1991.

15 MONDIN, B. *Rifare l’uomo*. Roma: Dino Editore, 1993.

propicia esta aventura cultural. Encontramos-nos na situação de naufrágio dos humanismos, e não podemos nos contentar como meros espectadores. O novo humanismo tem que ser a balsa ou navio no qual se salva também a humanidade do homem¹⁶.

3. AS CINCO VIAS DO NOVO HUMANISMO.

O movimento local é mais notório e mais universal, e entre os movimentos o circular parece ser o predominante. Os corpos no movimento local se desalojam traçando círculos; assim o observamos no sol e nas estrelas, na água, nos seres vivos e, por seu modo, na mesma vida humana. Por sua mesma condição corporal, o homem se percebe como se fosse o centro do mundo entorno do qual tudo gira circularmente. Tem a impressão de que toda parte desde seu posto em relação com ele e tudo volta até ele. O Império Romano se estendia no mundo à medida que suas vias se dirigiam aos quatro pontos cardeais entorno do *mare nostrum*. O ponto de partida era *meta sudans*, e a via Ápia era a *regina viarum*. Por ela seguiam as legiões desde Roma para as conquistas, por ela retornavam do Oriente, e nela se elevavam os arcos do triunfo quando regressavam com os troféus das vitórias. De um modo análogo, a civilização moderna tem seu apoio nas comunicações e avança à medida que descobre vias novas para os encontros. Isto parece ser também o modo de trabalhar de Deus Criador, que abre as mãos de sua bondade e delas brotam os rios de seus dons: *bonum est diffusivum sui*. Entretanto tudo se faz envolta de um centro. A surpresa acontece quando se topa no mundo com o chamado princípio antrópico, quando se logra a prova de que tudo no orbe está feito em vistas ao homem e nele se concentra.

No itinerário até o homem se verifica também um certo processo circular. Sempre é o homem o ponto de partida, a continuação, o itinerário encontra a saída e percorre as etapas de afastamento até a alteridade, para voltar ao final ao homem real e existente de onde havia partido. As vias do *homo viator* são aquelas que vão do homem ao homem, através do homem mesmo. São Boaventura descreveu o seu *Itinerário mentis* com a ajuda de muitos símbolos em cada uma das três etapas de subida e descida pela escala que une os entes e o Ser, os amantes e o Amor. Tomás de Aquino o descreveu de modo sugestivo no breve prólogo do seu comentário ao livro III das Sentenças: o homem se encontra como o ponto médio da realidade, tudo vem de Deus até ele, tudo se concentra nele, e tudo volta ao seu princípio por meio

16 Cf. BLUMENBERGER, H. *Naufragio con spettatore. Il Mulino*, 1985.

dele, como se fosse na realidade do oceano do qual saem e do qual voltam as águas, o horizonte e os confins dos dois mundos, o da matéria e o do espírito.

Esta imagem nos pode servir de apoio em nossa busca de um novo humanismo, quando nos dispomos a percorrer os cinco caminhos que nos guiam até o encontro com o ser do homem, de sua verdade integral e autêntica. O novo humanismo buscado não será só uma possibilidade, senão uma gozosa realidade, e foi capaz de penetrar no mistério do homem através das portas que se encontram no final dos caminhos. Ele é uma pequena via que deve fazer-se a pé. Designam-se como caminhos “abertos”, porque são transitáveis para o viajante e têm saída. Nas proximidades destes caminhos há outros sem saída, nos quais se extraviam os que vão por eles. Os atalhos que vão abrindo os pioneiros na alta montanha ou no bosque nos podem dar uma idéia para compreender as fátigas que nos esperam quando decidimos a caminhar por eles.

O ser do homem é complexo, problemático, e não pode compreender desde uma só dimensão. Quando nos aproximamos dele, temos que imitar os judeus envolta de Jericó, ao tratar de conquistá-la, dar voltas, soar as trombetas, levar sobre os ombros a arca da aliança, e ter a certeza de que chega o momento em que os muros se derrubam e as portas de entrada se abrem (Jos c. 6). O ser do homem em sua verdade integral, nessa verdade toda inteira e zelosamente guardada, tem que ser percebido de 5 perspectivas complementares: integral, pessoal, relacional, cultural e teologal. São perspectivas acessíveis à experiência. O encontro com essas dimensões do humano se verifica ao percorrer os diversos caminhos que designamos com as mesmas palavras. As cinco vias que Tomás propunha para o encontro com Deus, têm alguma semelhança com estas veredas a que nós propomos para ter acesso à verdade integral do homem, e nos ajudam a sua reta compreensão. Os cinco caminhos que propusemos vão “do fenômeno ao fundamento”, que é o itinerário que propõe João Paulo II para conseguir a conquista da transcendência perdida na cultura atual (FR, n. 83).

Os caminhos que levam ao homem têm que se dirigir aos quatro pólos do horizonte humano: *sursum*, até o alto onde habita o Altíssimo, até Deus; *deorsum*: até abaixo, até às realidades corpóreas do mundo que é a casa de onde o homem tem sua tenda; *ad intra*; pelas sendas que levam ao profundo do sujeito; *ad extra*, onde encontra outros sujeitos e todo o mundo cultural, fruto da presença do espírito no mundo. O homem caminha com o seu próprio mundo, e como na pintura de Leonardo da Vinci, estende seus braços até a totalidade, porque necessita encontrar-se com a natureza, com os outros sujeitos humanos, consigo mesmo e com Deus. Não podendo neste lugar,

como seria justo, fazer o percurso passo a passo, nos limitamos a fazer um primeiro encontro panorâmico, como no vôo de helicóptero. Do alto se pode observar a totalidade da paisagem, se pode dividir os diversos caminhos só com um golpe de vista, fazer-nos uma idéia de totalidade. Fica assim apresentado o panorama de conjunto, em sua unidade e pluralismo, e o programa de trabalho para chegar à meta. O projeto homem no novo humanismo como que faz prevalecer para o terceiro milênio implica em esforço do percorrido a pé de cinco caminhos abertos no caminho até o homem.

3.1. PRIMEIRO CAMINHO: O *HOMEM, SER INTEGRAL*.

O ser humano é um todo real, existente, no qual os diversos elementos constitutivos se concentram em uma complexidade enorme. Aristóteles a descreveu com a célebre expressão que dá razão da alma, *quodammodo omnia*, tão apreciada e aplicada em todas as ordens de Tomás de Aquino¹⁷. Na complexidade do ser humano se pode descobrir sem grande esforço os três infinitos nos quais fala Teilhard de Chardin: em grandeza, em pequenez e em complexidade. O homem só se compreende em sua integralidade.

O ponto de partida deste caminho exige uma abertura à totalidade. Por conseguinte é necessário deixar de lado todos os caminhos da exclusividade. Não se chega ao homem quando se quer reduzir a uma só dimensão, para logo poder afirmar que o homem é só isto. O homem existente se apresenta em sua integridade, e se oferece a nossa experiência como uma totalidade composta de elementos diferentes, entrelaçados em uma autêntica unidade dos compostos. A totalidade é um dado de experiência, e por isso é ponto de partida. A mente humana em sua atuação por cima e mais além dos sentidos começa a perceber a totalidade do ente. Dá-se um ponto de partida: *primum quod a mente concipitur* (*De Verit.* 1,1). Este princípio vale também para o caso do homem. Nessa totalidade inicial, ainda confusa, temos o dado, a realidade a qual nos enfrentamos, o homem existente em sua singularidade. Nessa totalidade se são diversos níveis da realidade.

O itinerário até o homem deve percorrer 3 níveis do humano em profunda conexão, mas em realidade distintos: a corporeidade, a *psiqué*, e o espírito do homem. Desde que existe na história a reflexão sobre o homem se dá a convicção de que o itinerário humano vai mais além da energia de qualquer itinerante. Testemunha-o o célebre fragmento de Heráclito: *Caminha,*

17ARISTÓTELES. *De Anima*, III, 8, 430 a 21. Cf. GIRAU, J. *Homo quodammodo omnia según Santo Tomás de Aquino*. Toledo, 1995.

caminha, nunca chegarás aos confins do homem. Tão grande é seu logos (Frag. B, 32) A história cultural confirma a verdade desta sentença original. A viagem através do corpo se fez mais veloz em nosso tempo, graças aos novos instrumentos da tecnologia para a exploração. Entretanto, desde sempre o homem reflexivo ficou surpreso ante a maravilha do corpo humano e tratou de conhecê-lo e descrevê-lo. Fizeram-no não poucos com fortuna. Basta aludir a Galeano na sua obra *De usu partium*, a Gregório de Nissa em *De hominis opificio*, a Vesalio que escreve e plasma em admiráveis desenhos, *De fabrica humanis corporis*, ou mais próximo de nós, o prêmio Nobel, Jamon y Cajal, *La maravilha do olho humano*. Os médicos são itinerantes privilegiados nesta viagem através do corpo. Em nossos dias o itinerário terminou, porque cada dia resulta cheio de surpresas, muito mais que antes. O sistema neurovegetativo, em particular, o cérebro humano, nos reserva contínuas surpresas se convertem no centro das investigações e nos desvenda novos segredos da corporeidade¹⁸. O corpo adquire maior relevo na cultura atual, à mesma medida que as ciências biológicas desvendam os segredos de sua admirável estrutura. Os platônicos deixavam de lado o corpo ao tratar do homem, em troca a revelação cristã, através do mistério da encarnação e da ressurreição da carne, descobre a corporeidade como a essência do humano. As ciências do homem nos levam a um horizonte de complexidade crescente, quiçá por isso dão motivos de extravios de quem busca ao homem. A corporeidade presente e oculta. A ciência não produz a corporeidade humana, a desvenda, só numa medida concreta limitada. É um ponto de partida que nos indica o corpo que nós somos, a essência e pertença do corpo ao homem. Entretanto, a corporeidade humana não se basta a si mesma. Mais de um ficará surpreso e perplexo ao conhecer que São Tomás de Aquino, tão ilustre defensor da corporeidade como componente essencial do homem, não duvida em afirmar que é a alma a que origina a corporeidade humana, porque a alma é a forma do ser, e onde não há alma, não se pode falar do humano¹⁹.

O caminho aberto a quase infinita complexidade através do corpo dispõe ao caminhante para nova surpresa, o encontro com a alma. Não é difícil por si demonstrar a existência da alma. Basta a análise dos atos que exerce. É como meter a mão e perceber a própria corporeidade vivente, o pulsar do coração. Entretanto, o que é mais óbvio se converte no mais difícil, conhecer o que é na verdade a alma. A pós-modernidade que nos envolve se situa nos extremos do platonismo. Ninguém encontra a própria alma, nem o médico no corpo, nem o psicólogo no profundo. Por isso se trata de deixar no esquecimento o tratado da alma. Na realidade estamos atravessando um

18 Cf. ENTRALGO, P. L. *El cuerpo humano: Teoría actual*. Madrid: Espasa-Calpe, 1989.

19 Cf. LOBATO, A. *El hombre en cuerpo y alma*. Valência: Edicep, 1994.

período no qual se dá um grande cultivo da psicologia, mas o agudo observador tem que concluir que na maior parte dos casos se trata de um paradoxo, porque é psicologia sem alma. A renúncia da pós-modernidade à transcendência conduz ao esquecimento da alma. Entretanto, o caminhante avisado, ao longo do caminho que trata de abraçar a totalidade, tem que ser capaz de dar com a alma. Aristóteles precedeu a todos os viajantes neste descobrimento, topou com a alma e neste encontro é uma de suas maiores contribuições à cultura do Ocidente.

Tomás de Aquino complementou esta contribuição. Dedicou a alma grande atenção, chegando a afirmar que o estudo do corpo não é competência do teólogo, mas por outro lado o é o tratado do corpo (*STh*, I,75, prol.). A maior de suas *Questiones Disputatae* é necessariamente a dedicada à alma, na qual expõe sua antropologia original. O homem é aquele que a constitui principalmente e esta é a alma, o caminho deve levar ao misterioso horizonte do ser, da natureza através dos atos, e nos diversos cenários do humano, na corporeidade e fora dela quando a morte a separe do corpo o qual informa²⁰.

O caminho vai mais além da alma. Esta se encontra por sua vez em todos os viventes. No homem há algo a mais, porque nele alenta o espírito, e é precisamente o espírito do homem a realidade mais alta de quantas há no universo. Já Avicena podia afirmar que a alma humana tem, como a lua, duas caras: uma que olha até o corpo, e outra até o alto, até o mundo do espírito, porque ao mesmo tempo é forma do corpo e é de natureza espiritual. A existência desta realidade espiritual no homem se constata nos atos humanos, em sua origem, no destino. Não se pode afirmar alegremente que o sistema neurovegetativo basta para dar razão ao que se atribui à alma. O que se pode discutir enquanto prossegue no percurso ao longo do caminho, é se na verdade são três os componentes do homem, corpo, alma e espírito, como se lê em algumas passagens da Escritura, e é habitual nos escritores neoplatônicos, ou se é mais exato afirmar com Aristóteles, e com Tomás, que na realidade há só dois componentes essenciais, corpo e alma, matéria quanta e forma espiritual. O que na verdade importa é chegar a integrar numa verdadeira unidade os três níveis da realidade humana.

Na unidade deste triplo horizonte da integralidade é possível dar razão dos contrários que se encontram no homem: espírito e matéria, alma e carne, racionalidade e instintos, os ímpetus das paixões e a serenidade objetiva da razão, as inclinações profundas até os valores da vida e do progresso junto a capacidade do mal, da perversão e o atrativo dos vícios, a vida e a morte no duelo permanente, o santo e o monstro que parecem habitar no profundo do

20 Cf. Lobato, A. *L'anima nell' antropologia di Tommaso d' Aquino*. Roma: *Studia* PUST, 28, 1987.

homem, pelo qual o ser humano pode chegar a ser templo ou caverna, amigo de Deus ou discípulo do diabo. A luta entre a carne e a alma, entre a mesma alma e o espírito se encontra na mesma estrutura do fundo do homem, é como a raiz de seu problema, um dado que vai com o ser do homem e por isso afeta a todos, e ninguém pode ser dizer alheio. *Homo sum, nihil humanum a me alienum puto*, havia escrito Terêncio com a fórmula lapidar.

A abertura à totalidade. a infinita complexidade do ser humano, é constatável dos diversos pontos de vista: da fenomenologia, a experiência cotidiana, desde as ciências da natureza e do espírito, da filosofia e teologia. O ser humano coincide com as pedras, com as plantas, os peixes, os mamíferos, as aves e com os anjos, como nos recorda um texto de São Gregório Magno. O término deste percurso pelo caminho da integralidade é mais gratificante que as viagens pelo mundo: chegamos ao encontro com o homem real que somos nós, com a própria história, os dramas, as aventuras, os fracassos e os triunfos. Não somos um fragmento do todo, senão que cada um dos mortais é este todo, integral, mais ou menos unido, um problema aberto, um enigma ainda não resolvido. A totalidade não exclui a unidade de cada um, do eu e do tu. Encontramos-nos ante uma realidade humana que somos e que nos excede, tal é o homem real.

O caminho vai do todo percebido *in confuso* ao homem já distinto na pluralidade de suas dimensões, daquilo que acredita ser para aquilo que realmente é. Maritain iniciava este percurso pelo caminho do humanismo integral com o objetivo de salvar o singular dos excessos aos que o submetiam os totalitarismos dos anos 30, tanto o nazismo como o comunismo. Era uma mudança acertada. O novo humanismo do futuro deve começar por percorrer em sua integralidade todos os componentes do homem.

3.2. SEGUNDO CAMINHO: *ATÉ O SER PESSOAL.*

Há um segundo caminho para o percurso até o homem, o que se dirige até o ser pessoal. Este é pedra angular na concepção cristã do homem. A palavra *pessoa* adquire na modernidade grande aceitação e profundo significado. Sua raiz poderia ser etrusca, mas seu conceito é cristão. As primeiras aplicações passam da máscara habitual do teatro à profunda realidade de cada um dos seres espirituais. Na história se parte de dois mistérios centrais na vida cristã, um só Deus e 3 pessoas; duas naturezas, divina e humana, mas uma pessoa em Cristo. Com o passar do tempo a palavra passa do teatro ao mistério do homem, chamado a viver no grande teatro do mundo e na sua comunidade de seres humanos, com sua própria diferença, enquanto ser único e irrepetível.

Pessoa é o homem da realidade do singular. Não deveria usar-se nunca no plural. Porque é substantivo do pronome pessoal, eu-tu. O filósofo Kant contribuiu de modo decisivo à difusão do conceito de pessoa com sua acertada distinção entre coisa e pessoa. As coisas são sempre meios que podem ser intercambiados porque tem um preço. Em troca a pessoa é sempre um fim, e não admite trocas com outra realidade. A pessoa indica uma dignidade, uma nobreza no ser, que é também análoga na escala dos entes espirituais. O novo humanismo deve ser capaz de acolher o homem como ser pessoal e fazer possível o pleno desenvolvimento de sua personalidade. Por ser pessoa, o homem alcança o grau de ser mais alto e nobre no mundo: *dignissimum in rerum natura* (*S.Th.*, I, 29, 3). Ao seguir este caminho, nos afastamos de todos aqueles caminhos, o mais frequente que tratam de reduzir o homem a objeto.²¹

O percurso deste caminho tem seu ponto de partida na acepção cristã da realidade pessoal, que implica a alteridade que deve ser sempre respeitada em todo homem. O caminho se estende até adiante na medida em que desvenda os três componentes do ser pessoal: a totalidade que precede; a natureza espiritual que inclui; e a subsistência que implica o grau mais alto do ser. As duas notas da excelência do ser pessoal são: a posse da natureza mais nobre, que é a racional ou espiritual, e o mais alto modo do ser, que é subsistir em si mesmo, com liberdade e autonomia (*QD De Pot.*, 9, 6). Estas notas são inacessíveis ao pensamento imanentista, e muito mais para os pensadores do niilismo ou do materialismo. O homem se converte em *paixão inútil*, objeto de uso e desejável, átomo irrisório perdido na imensidão dos espaços, como propõe J. Rostand²².

O término deste caminho se coloca nos extremos das antropologias redutivas. O ser pessoal se verifica em modos diversos em Deus, nos anjos, no homem. A pessoa não deveria jamais ser usada como um nome comum, porque na verdade só é aplicável ao ser singular, único e irrepitível. Só Deus conhece a fundo esta singularidade de cada um. Ele nos chama do nada, nos dá o nome apropriado que designa nossa singularidade, e a dignidade participada de ser pessoa. O caminho até a pessoa nos indica seus limites, o homem é ao mesmo tempo natureza e pessoa, e este põe um limite ao personalismo contemporâneo, desenvolvido de modo especial por E. Mounier, sob inspiração maritainiana.²³

21 Cf. BOCCANEGRA, A. "L'uomo in quanto persona". In *Sapienza*, 22(1969), pp. 410-513.

22 Cf. MONDIN, B. "Libertà umana e cultura della persona". In AA.VV. *Peri psiches. De Nomine Antropologia*. Roma: Herder, 1994, pp. 410-418.

23 MOUNIER, E. *Il personalismo*. Roma: AVE, 1989.

3.3. TERCEIRO CAMINHO: *ATÉ O SER RELACIONAL*.

Uma nova via até o homem se percorre caminhando pela via das relações que podem ser chamadas constitutivas. A relação é uma modalidade do ser que vai desde as categorias de ordem transcendental: *circuit omnes ens*. Por um lado é a mais débil e mais difícil de captar entre todas as categorias, pois sua debilidade radica no ser acidental, no *inesse*, e por outro no respeito ao outro, em *esse ad*. Esta categoria joga um papel decisivo na certa inteligência que nos dá a fé do mistério da trindade das pessoas em Deus. Desta raiz cristã deriva o interesse dos pensadores modernos pela relação. O pensamento moderno deixou de lado o acidente da qualidade, e se agarrou apaixonadamente à quantidade pelo fato de que é mensurável e da origem para uma afinidade entre filosofia e ciência matemática. Também deixou no esquecimento as substâncias e as formas para fixar sua atenção nas relações. O pensar personalista desenvolveu com preferência o papel das relações entre os homens, por quanto são constatáveis na experiência fenomenológica e são válidas para a leitura da realidade humana. As relações brotam da pluralidade das substâncias. O mundo é um complexo de relações entre todos seus componentes. Na ordem transcendental a relação coincide com a entidade, que se define da mesma relação. O homem, por sua mesma complexidade, depende de seu fazer-se homem através das relações com os demais.

O caminho que percorre a via das relações deve estar em grau de descoberta e dar sentido de seu ser-para, *esse ad*, em três campos que resultam decisivos no desenvolvimento do novo humanismo: homem-mulher, indivíduo-comunidade, homem-mundo.

O ponto de partida é a experiência das relações que são o horizonte do homem, em todas as direções, tanto *ad intra*, como *ad extra*. Por natureza o homem é um ser familiar uma realidade que lhe vem outorgada por sua condição de ser sexuado. Nasce-se varão ou mulher, macho ou fêmea. E desde a sua entrada no mundo se encontra frente ao outro sexo, uma relação de reciprocidade, de seres que têm idêntica natureza, mas participam dela de modos diferentes. Do mesmo modo se observa a condição do indivíduo chamado a viver a condição social, dentro do círculo de pessoas que se percebem como um “nós”, diferentes dos demais. É muito claro que não se dão homens solitários, um homem sem mundo, mas que só é possível um homem no mundo, um indivíduo que se encontra relacionado com a totalidade dos entes do mundo terrestre e celeste. O caminho que se dirige à essência do homem, através das relações, tem que percorrer estas três modalidades. Trata-se de uma longa viagem na qual se vão apresentando tanto

a dimensão constitutiva das relações interpessoais, quanto sua fragilidade e mudanças constantes.

Uma novidade importante na cultura atual foi a descoberta da raiz da diferença entre os sexos, porque se nasce sempre e só ou varão ou mulher, algo que foi ignorado até o século XX, e ao mesmo tempo o novo papel da mulher na sociedade. A obra de Simone de Beauvoir, *Le deuxième sexe*, de 1948 indica o princípio de uma mudança de marcha na mentalidade acerca do papel da mulher. A mulher chega a ser um problema humano em busca de libertação e justa promoção. Edith Stein havia apresentado pelos anos 30, com evidente audácia e sentido comum, a orientação cristã deste problema²⁴. A questão radical era a de encontrar a solução do fato da diferença entre os dois sexos. Para o pensamento moderno, que rechaça a transcendência, não é possível dar com o fundamento. Em troca no pensamento de Tomás de Aquino, denegrido com o epíteto de “antifeminista”, há espaço para fundar a diferença e por isso encontrar a solução objetiva ao problema da mulher. O caminho até as relações humanas deve percorrer estas espinhosas questões que se referem ao sexo, a sexualidade, e as relações interpessoais entre homem e mulher²⁵. A condição familiar do homem leva ao desenvolvimento da humanidade destinada a conformar-se em dois momentos, um físico no ventre materno, outro espiritual na família: o primeiro no útero físico, no qual o embrião é arquiteto de si mesmo, e no horizonte da família e a escola, que Tomás descreve graficamente como útero espiritual, (*STb*, II-II, 12, 10) em cujo âmbito se propicia o desenvolvimento da personalidade. Este caminho foi esquecido na cultura atual, com desastrosas consequências para o futuro do homem. A crise do humanismo encontra aqui uma de suas principais causas, pois o homem, por sua mesma natureza, é um ser familiar. Esquecê-lo é esquecer do homem real²⁶.

A dimensão cósmica do homem funda nas relações com os corpos, com o ambiente, com os elementos. O homem é um ser no mundo físico, um elemento central que lhe dá sentido. Se lhe concedeu a custódia do mundo, não o *jus utendi ei abutendi*, como de fato está ocorrendo, não há destruição e o desmantelamento. A ecologia se ocupa desta relação do homem com a realidade física que o envolve e propicia o seu desenvolvimento. Neste campo a nova consciência do homem como ser no mundo levanta denúncias contra

24 Cf. LOBATO, A. *La pregunta por la mujer*. Salamanca: *Sígueme*, 1965.

25 Cf. LOBATO, A. “*Varón y mujer cara a cara. El problema de la diferencia*”. *Angelicum*, 72 (1995) pp. 541-578. IDEM. “*Donna, chi sei? La risposta dell’umanesimo cristiano*”. In AA.VV. *Il nuovo femminismo*. Roma: *Regina Apostolorum*, 2000.

26 Cf. LOBATO, A. “*La familia cristiana, identidad y misión*”. In AA.VV. *La familia dono e impegno, speranza dell’umanità*. Roma: LEV, 1998, pp. 308-325.

o homem depredador e lhe adverte que não é lícito ao guardião imitar ao ladrão. Este itinerário descobre o papel do homem e os limites de sua custódia do mundo.

O final deste caminho é a constatação da profundidade das relações no desenvolvimento humano: a reciprocidade e o amor do varão e a mulher enquanto são chamados para fundar uma família; a capacidade de pôr ordem na cidade como indivíduo de uma comunidade, na qual são decisivas as relações interpessoais, antes que as sociais, e o ordenamento das realidades corporais, que são para o homem, para todos os homens, para o bem da mesma criação. A complexidade das relações se estende ao infinito, desvendando novos horizontes do humano com a totalidade do mundo.

3.4. QUARTO CAMINHO: *ATÉ O SER CULTURAL*.

A diferença de todos os demais seres, o homem não só tem uma singular natureza, que a cultura descobre desde outras variantes e apenas lhe reconhece o papel da realidade fundante como acontecia no passado, senão que tem além do mais um destino que é conformado pela cultura²⁷. O homem faz a cultura, e por sua vez a cultura conforma ao homem. Cultura é tudo aquilo que o homem acrescenta a sua natureza, tanto à humana como às realidades do contorno humano. O novo humanismo também percorre este caminho, que na realidade é o caminho do homem na história. A raiz cultural se encontra na mesma natureza do homem como ser em caminho e no mundo, com domínio e senhorio parcial sobre o contorno e seu alcance. Comentando Aristóteles, Tomás punha em destaque a importância da cultura para a vida do homem *Homo arte et ratione vivit* (*In I Pol.*, 1, 1). Com estas palavras iniciava João Paulo II seu discurso sobre o papel da cultura de 2 de junho de 1980, na UNESCO. A cultura se ordena ao crescimento do ser no mundo, mediante o desenvolvimento em três âmbitos: a terra, a alma e o culto a Deus. Destas relações se formou o horizonte cultural, a atmosfera típica e envolvente do homem que integra diversos fatores: os modos de viver em família e sociedade, a linguagem e os modos de comunicação, as técnicas de domínio do mundo, os valores que dão sentido à vida, tanto na ordem moral como religiosa. O mundo 3º de Popper é o mundo produzido pelo homem como ser cultural. Este é o caminho que percorre a humanidade modelando a natureza e dando origem a história. Não se trata de algo externo, mas de uma profunda realidade que se estende a todos os âmbitos do *humannum*.

27 Cf. AA.VV. *Changing Concepts of nature at the turn of the Millennium*. Vaticano: *Pontificia Academiae Scientiarum. Scripta Varia*, 95, 2000.

O ponto de partida é a realidade histórica em um momento determinado, qual se constata nos produtos humanos. O homem usa o fogo desde o momento em que come cozido e não [o alimento] cru; impulsionado por sua necessidade do domínio da realidade, por meio da ciência e da técnica, deu corpo uma nova ordem, à tecnosfera na qual se move em sua casa e sem a qual retorna a seu estado primitivo. Nossa situação na era da informática é fruto da cultura. A mão pode ser o símbolo deste processo. A mente e a mão são os dois signos que encontra no homem Aristóteles que indicam a abertura da alma à totalidade. A mão é o instrumento do homem frente ao mundo. Da mão se passou diversos instrumentos do homem frente ao mundo. Da mão se passou a diversos instrumentos, que são como suplementos da mesma, como próteses aptas para o desenvolvimento dos diversos sentidos. Ao cabo de um longo percurso para vencer os obstáculos que o homem encontra em seu caminho, em nossa cultura a ser o instrumento dos instrumentos, capaz de mover as energias e os meios da técnica com facilidade de quem joga às cartas ou toca o piano. O mundo novo da técnica, com toda sua complexidade, parece o mundo descrito no Salmo 8, formado pelo dedo de Deus: *opera digitorum tuorum*.

O percurso deste itinerário implica a penetração nas grandes áreas da cultura atual: a língua como instrumento e meio de comunicação é o grande tesouro cultural do homem, a vida social com suas estruturas e componentes na cidade, na economia, nas instituições que conferem sentido à realidade da vida. De modo especial a técnica e a ciência constituem os feitos mais clamorosos da cultura de nosso tempo. Bacon de Verulan antecipava esta cultura, na qual ciência e técnica se combinavam cada vez mais profundamente e do saber se passa ao poder: *Scientia et potentia in unum coincidunt*. Saber é poder. Na realidade a aliança entre esses dois fatores é um dos símbolos mais patentes da cultura que nos conforma. A novidade é esta: o poder da técnica penetra cada vez mais na natureza, ainda na humana, e faz que a arte já não seja uma coisa totalmente distinta da natureza. A técnica se introduziu na mesma ciência, nos meios de investigar a realidade, na capacidade de poder manipular as mesmas bases da vida em seus componentes físico-químicos. Cada dia nós esperamos as surpresas que nos depara a investigação biológica porque nos afeta a corporeidade, na saúde, nas atividades. Não se pode ignorar que este tremendo poder da técnica e do homem como mero instrumento, é por si ambivalente, admite o uso e abuso. Na hora atual o poder da técnica se estende e vai mais além da ciência mesma que quer submeter ao seu domínio. Neste caso já não é só ajuda, chega a ser ameaça para o homem. Heidegger, em um horizonte bem afastado do atual, denunciava o “demônio” da técnica. Gabriel Marcel advertia sobre o perigo

que por meio da técnica os homens se levantem contra o humano. Não cabe dúvida que todos vivemos com a angústia de quem cavalga nas costas de um tigre e não sabe como deixá-lo e se coloca a caminhar por seus próprios pés.

São os valores os que conformam a cultura em todos os seus domínios, as ciências, as técnicas, as artes. Este caminho representa também os valores, como fundamento de toda cultura humanizante. O ser humano se nutre dos transcendentais, da verdade, da beleza, da bondade. O homem, nascido para a verdade, deve conquistá-la. O valor decisivo de toda cultura, é o que faz que o homem seja na verdade humano, e este valor é o valor moral. O homem se humaniza com o reto uso da liberdade. Na cultura moderna nada é tão frágil e se encontra em tanto perigo como os valores morais. O autêntico humanismo é o que encontra sua base e seu caminho ideal no homem bom, virtuoso, que é o que desenvolve a profunda humanidade do homem²⁸.

O final percorrido por este caminho o homem recobra a consciência de sua vocação cultural que faz possível o passo da superação do ser no dever, mediante o crescimento e desenvolvimento de suas possibilidades. O problema radical da cultura moderna o via Kant na liberdade, no uso da mesma, pois esse uso não está garantido no poder que já tem a liberdade. O homem kantiano não é que conhece sua natureza, mas o que usa o poder de sua liberdade. O humanismo cristão não cria uma ruptura entre natureza e liberdade, mas uma unidade em que descobre que o homem se dá a junção de ambas e na verdade é uma natureza capaz de liberdade. Certamente problemas de nossa cultura *é da paidéia da liberdade*.²⁹

3.5. QUINTO CAMINHO: *ATÉ O SER TEOLOGAL*.

A dimensão radical do homem não é a horizontal das relações com o mundo, nem a relação consigo mesmo, mas a vertical ou transcendente da relação com Deus, pois ante todo o homem é um projeto de Deus, *Imago Dei*, e por isso *capax Dei*. A relação com Deus é constitutiva em sua origem, pois foi criado por ele, e o é em seu destino, porque está ordenado a Ele; o é em sua estrutura cognoscitiva porque busca a verdade que só em Deus encontra de modo definitivo; o é na esfera volitiva, pois tende ao bem que tem sua frente em Deus; o é em sua dimensão estética, porque é atraído para a infinita beleza de Deus, participada de mil modos nas criaturas. O novo humanismo precisa percorrer este caminho das relações do homem com Deus. Nada

28 Cf. LOBATO, A. *Dignidad y aventura humana*. Salamanca: Editorial San Esteban, 1998.

29 Cf. LOBATO, A. “La paidéia exigida por la verdad”. In AA.VV. *La formazione integrale*. Bolonha, EDS, 1996, pp. 273-292.

existe tão espontâneo e arraigado na natureza como a referência e o recurso a Deus. Na verdade é um paradoxo que nada resulta tão difícil ao homem atual, fruto da cultura sem transcendência, como a relação conatural com seu princípio de origem e destino, como o retorno autêntico do homem a Deus. Exaltou-se de tal modo a liberdade que o homem a crê absoluta, e não pode pensar em Deus sem vê-lo como um rival que lhe rouba este espaço. Se Deus existe, disse loucamente Sartre, eu não sou livre. Mas posto que estou, como os demais homens, condenado à liberdade...se segue que Deus nem existe nem pode existir. O caminho da relação do homem com Deus revela ao homem o ser duplamente religado, na origem e no fim, por isso se encontra como ser teologal e teotrópico.

Frente a Deus o homem livre pode adaptar um dos três comportamentos possíveis: o da indiferença, como se Deus não existisse; o da negação, porque em definitivo pensa como ousadamente afirma Feuerbach, que não é Deus quem cria ao homem a sua imagem e semelhança, mas ao contrário, Deus é fruto das criações humanas, uma mera projeção do homem; o da afirmação teísta, que descobre a relação autêntica, a vocação radical e a resposta com o amor³⁰.

O ponto de partida deste caminho é a mesma experiência de sua presença no homem, de sua religação. É algo que se dá em todo o homem de modo irreprimível. Pode encontrar-se mais ou menos ofuscado, mas nunca de todo. Deus vem percebido absoluto por cima de mim, caminhando comigo, dentro de mim, presente no mistério de sua ausência. A experiência religiosa é um dado, o homem se descobre frente a Deus na dor e no gozo. O conceito conseguinte de Deus se nos oferece nas experiências do bem e na mesma angústia do nada. O mesmo problema do mal, tão pujante em nossa cultura empobrecida, nos aborda sempre o problema de Deus. Jó é testemunha perene desta dura prova. Os inocentes sacrificados aos milhões no século XX abordam de modo inevitável o problema de Deus.

O percurso deste caminho singular parte do problema e as provas de sua existência, porquanto Deus é sempre e para todos um *Deus absconditus*, muito mais escondido e por sua vez presente que o possa estar na mesma alma. Ninguém viu Deus. Ninguém poderá ver com seus olhos e apesar de ser isto verdade, é também muito verdade que todos desejamos vê-lo e estamos chamados à visão e que o veremos tal qual é. No comentário a esta expressão de Juan: *Deum nemo vidit unquam*, (Jn 1,18) Tomas busca a concordância entre as duas afirmações opostas: Ninguém o viu, e todos um dia o veremos face a face. A verdade está em descobrir que Deus é um mistério que nos

30 Cf. LOBATO, A. "El eclipse de Deus en la cultura actual do Occidente". In AA.VV. *Hombre y Dios en la cultura de fin de siglo*. Madri: Comillas, 1994, pp. 93-112.

sobrepassa: *Deus semper maior*. Só Ele se compreende tal como é. O novo humanismo recorre a Deus tal e qual se revela na história da salvação. Nessa história podemos encontrar em três maneiras a raiz teológica do homem: na eternidade enquanto Deus decide fazer-se homem, e em seu momento mundo e homem são criados conforme ao projeto originário e o homem predestinado a fazer-se conforme ao Filho; na história, o princípio no qual Deus cria ao homem em justiça e santidade e O mesmo se faz homem, em carne e osso, e se estabelece em meio de nós, e cria a alma de cada homem de modo imediato e direto; finalmente no destino porque todos fomos criados para a salvação e comunhão com ele.

O término do caminho consiste no descobrimento da sacralidade de todo homem, feito a imagem de Deus, um pouco menor que os anjos (*Sal* 8,4), a humanidade do homem radica em sua dignidade, em sua participação singular no mistério de Deus. Por isso o homem perfeito, a *imago Dei* em plenitude, é a que deve ser realizada em Jesus Cristo, a cujo modelo deve formar-se o homem.

Os cinco caminhos são os caminhos que deve percorrer o homem para conseguir o ideal do novo humanismo. Como no poema de Parmênides, na qual se dá uma reta separação entre os dois caminhos que se encontram ao atravessar a porta, o que não tem saída e conduz ao não-ser, e o que leva ao coração férreo da verdade, também neste exercício de busca do ser o homem como a verdade toda inteira, é necessário indicar com precisão as vias que não levam ao ser humano em sua plenitude. O que percorre os cinco caminhos se capacita para desvendar ao mistério do homem e pode por os fundamentos do novo humanismo.

No novo humanismo há 3 verdades que são fundamentais; a justa integração das três dimensões do homem, num tempo *objeto, sujeito e projeto*; a harmonia entre as três atividades humanas por excelência: *cognoscitiva, factiva e ativa*, quer dizer, entre *intelligere, facere* e *agere* do sujeito humano; e finalmente a plena conformidade do homem com Cristo, que é o modelo do homem em plenitude, mediante a graça, as virtudes e os donos do Espírito.

Ecce homo! Neste princípio do terceiro milênio é conveniente fazer um projeto com o programa de trabalho para conseguir o humanismo autêntico, novo, cristão. Temos a disposição todo um milênio para levá-lo a cabo. O novo humanismo será na verdade novo, posto que vem de Deus quem faz novas todas as coisas (*Ap* 21,5) e na verdade humano porque todo homem responde ao plano de Deus e se conforma com Jesus Cristo (*Rm* 8,28). Tomás



de Aquino, desde sua contribuição antropológica nos ajuda como modelo de pensador cristão, como exemplo do homem novo, e como protetor de quantos buscam a verdade, está caminhando conosco até a ansiada meta.